

“A Libras é uma adaptação/derivação do Português”: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas na formação docente

“The Brazilian Sign Language (Libras) is an adaptation/derivation of Portuguese”: a study on linguistic beliefs and attitudes in teacher education

Renan Torres da Costa¹
Eliane Pereira Machado Soares²

Resumo: As crenças e atitudes linguísticas manifestam-se em todas as línguas e em diversos contextos, tornando-se, assim, necessário compreender aquelas relacionadas à Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nesse âmbito, este trabalho tem como objetivo analisar as crenças e atitudes linguísticas acerca da concepção de que a Libras é uma adaptação ou derivação da Língua Portuguesa, a partir da perspectiva de professores ouvintes em formação inicial no curso de Letras Português da Unifesspa, unidade de Marabá (PA). A base teórica fundamenta-se nos estudos sobre crenças e atitudes linguísticas (Barcelos, 2001; 2006; Lambert; Lambert, 1972; Gómez Molina, 1998) e nas pesquisas sobre crenças na Libras (Quadros; Karnopp, 2004; Gesser, 2009). O *corpus* foi composto por testes de crenças aplicados antes e após a disciplina, com 10 discentes ouvintes. Adotou-se abordagem mista, com análise de conteúdo e tratamento estatístico dos dados. Os resultados demonstraram predominância de posicionamentos positivos, além de mudança de atitudes negativas para positivas após a disciplina, independentemente da variável gênero ou contato linguístico, evidenciando a sua contribuição para a valorização da Libras como língua legítima na formação docente.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas. Libras. Formação de professores.

Abstract: Linguistic beliefs and attitudes are manifested in all languages and across diverse contexts, making it essential to understand those related to Brazilian Sign Language (Libras). In this regard, this study aims to analyze linguistic beliefs and attitudes concerning the conception that Libras is an adaptation or derivation of Portuguese, from the perspective of hearing pre-service teachers enrolled in the Portuguese Language undergraduate program at the Federal University of South and Southeast of Pará (Unifesspa), Marabá campus, Pará, Brazil. The theoretical framework is grounded in studies on linguistic beliefs and attitudes (Barcelos, 2001, 2006; Lambert & Lambert, 1972; Gómez Molina, 1998) as well as research on beliefs about Libras (Quadros & Karnopp, 2004; Gesser, 2009). The *corpus* consisted of belief tests administered before and after the course to ten hearing students. A mixed-methods approach was adopted, combining content analysis and statistical data treatment. The results revealed a predominance of positive positions, as well as shifts from negative to positive attitudes after the course, regardless of gender or prior linguistic contact, highlighting the discipline's contribution to the recognition of Libras as a legitimate language in teacher education.

Keywords: Linguistic beliefs and attitudes. Brazilian Sign Language (Libras). Teacher education.

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, MG, Brasil. Endereço eletrônico: torres.renan181@gmail.com.

² Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Instituto de Linguística, Letras e Artes, Faculdade de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Letras (Poslet), Marabá, PA, Brasil. Endereço eletrônico: eliane@unifesspa.edu.br.

Introdução

As crenças sobre as línguas e sobre seus processos de aprendizagem permeiam diferentes espaços sociais, acadêmicos e formativos, influenciando concepções e práticas de ensino. No contexto desta pesquisa, que aborda crenças e atitudes linguísticas em relação à Língua Brasileira de Sinais (Libras), torna-se evidente que tais concepções exercem impacto significativo na maneira como essa língua é compreendida.

Em parcela significativa da sociedade brasileira, a Libras ainda é vista sob perspectivas equivocadas, sendo frequentemente reduzida a um conjunto de gestos ou como uma derivação da língua portuguesa, negando o *status* linguístico dessa língua sinalizada, ou seja, deixa-se de reconhecer sua legitimidade enquanto língua natural. Com isso, essas concepções também se manifestam na formação de professores, especialmente na formação de docentes de língua materna majoritária no Brasil, o que pode contribuir para a manutenção de crenças e atitudes negativas acerca da língua.

Diante do exposto, esse trabalho busca analisar e refletir sobre as crenças e atitudes linguísticas de professores ouvintes de Língua Portuguesa em formação inicial acerca da concepção de que a Libras seria uma adaptação ou derivação do português, estando, portanto, subordinada a essa língua majoritária. É imperativo destacar que este estudo se configura como um recorte de uma pesquisa mais ampla de uma dissertação de mestrado, intitulada *Crenças e atitudes linguística de discentes ouvintes de Letras Português sobre a Língua Brasileira de Sinais*.

O trabalho está estruturado em quatro seções principais, bem como a introdução e as considerações finais. A primeira seção apresenta um breve debate acerca das crenças e atitudes linguísticas em sua amplitude teórica. A segunda seção, por sua vez, propõe um afunilamento da discussão para as crenças e atitudes relacionadas à Língua Brasileira de Sinais, com ênfase naquela concepção específica investigada neste estudo. A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa, enquanto a quarta apresenta as análises e discussões dos dados obtidos, promovendo reflexões sobre as crenças linguísticas no contexto da formação de professores.

Crenças e atitudes linguísticas

O campo de estudos das crenças acerca das línguas e do processo de aprendizagem situam-se no âmbito da Linguística Aplicada (LA). Assim, as crenças se dedicam a investigar as concepções e os pressupostos subjacentes às práticas e aos processos de ensino e aprendizagem de línguas (sejam elas maternas ou adicionais), bem como as cognições que comumente os fundamentam. Essa área revela-se bastante complexa, inclusive no que diz respeito à sua conceituação, uma vez que diferentes expressões são utilizadas para abordar esse enfoque na aprendizagem de línguas.

No campo específico das crenças, há uma diversidade de terminologias empregadas nas pesquisas, tais como representações dos aprendizes, filosofia de aprendizagem de línguas, conhecimento metacognitivo e cultura de aprender línguas (Barcelos, 2001). Portanto, ainda se faz necessário estabelecer um consenso em torno das definições desse termo na LA, uma vez que as crenças, de modo geral, podem ser caracterizadas como “opiniões e ideias que alunos (e professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas” (Barcelos, 2001, p. 72).

Desse modo, Barcelos (2006, p. 18) propõe uma definição de crenças linguísticas com o intuito de explicitar e esclarecer sua perspectiva acerca dessa área de investigação:

Entendo crenças, de maneira semelhante à Dewey (1933), como uma forma de pensamento, como construção da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais.

Com isso, pode-se dizer que as crenças linguísticas são compreendidas como formas de pensamento que orientam e constroem a visão dos sujeitos sobre a realidade, sendo resultantes de suas experiências e interações sociais. Elas são, assim, dinâmicas, contextuais e paradoxais, por não serem puramente estáticas ou individuais, mas resultado de processos interativos.

Além disso, Silva (2005) elaborou um conceito a partir de ligações entre crenças, como um grupo de ideias que se formam em um sistema coeso, com a qual cada crença apoia e fortalece a outra, se interconectando em torno de um tema ou objeto comum, denominado de aglomerado de crenças:

o conjunto de construtos de ideias e/ou verdades pessoais interligadas que temos e mantemos de maneira sustentada, estável por um determinado período de tempo. Em outras palavras, são feixes de crenças com laços coesivos entre si, verdadeiras constelações de crenças que se auto apoiam. Esse composto de crenças [...] tem origem nas experiências pessoais (cf. Barcelos, 2001) e/ou coletivas, nas intuições, nos fatos, e na maioria vezes implícitas. Dessa forma, os aglomerados de crenças são um construto de crenças vinculadas entre si por um objeto comum (Silva, 2005, p. 78).

Dado a conceituação, as crenças não são apenas de caráter exclusivamente cognitivo, mas também “são pessoais, contextuais, episódicas e têm origem em nossas experiências, na cultura e no folclore. As crenças podem ser internamente inconsistentes e contraditórias” (Barcelos, 2001, p. 73).

No que se refere às atitudes linguísticas, as crenças constituem um de seus componentes, configurando-se como um elemento fundamental para sua manifestação. Consoante Lambert e Lambert (1972), a formação das atitudes envolve três dimensões inter-relacionadas: (i) pensamentos e crenças; (ii) sentimentos e emoções; e (iii) tendências comportamentais de reação. Sendo assim, uma atitude só pode ser plenamente caracterizada quando esses três componentes se articulam e interagem entre si.

Ademais, Lambert e Lambert (1972, p. 77-78) definem as atitudes como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Essa concepção evidencia a abrangência do conceito de atitude, ao enfatizar seu papel na organização das formas de percepção e interação dos sujeitos no contexto social. Desse modo, as atitudes expressam a complexidade dos processos perceptivos e emocionais que orientam a experiência humana em sociedade.

As atitudes, nesse sentido, configuram-se como disposições que orientam modos de pensar e agir, em muitos casos, sem que os sujeitos tenham plena consciência de sua influência, pois, como afirmam Lambert e Lambert (1972, p. 78), “não estamos completamente cômicos da maioria das nossas atitudes nem da extensa influência que elas têm sobre o nosso comportamento social”.

Nesse sentido, elas resultam de pensamentos já consolidados, que conduzem à manifestação de reações ou de suas tendências, por vezes inconscientemente. De modo semelhante, atitudes favoráveis podem emergir quando o indivíduo entra em contato com

novos conhecimentos que convergem com seus ideais e sentimentos socialmente construídos, favorecendo a aproximação e a identificação com determinadas ideias.

Embora frequentemente se suponha que as atitudes possam ser transformadas com a mesma facilidade com que são aprendidas, esse processo não ocorre de maneira simples. Conforme destacam Lambert e Lambert (1972, p. 97), “as atitudes não são modificadas ou substituídas com a mesma facilidade com que são aprendidas”. Ainda assim, Bock, Furtado e Teixeira (1999) apontam que elas podem ser alteradas a partir do contato com novas informações, da vivência de novos afetos ou da inserção em novos comportamentos e situações, ou seja, as atitudes não são imutáveis.

No que se refere à língua, com base na perspectiva mentalista das atitudes linguísticas nos estudos sociolinguísticos, as investigações sobre a avaliação dessas atitudes desempenham papel fundamental na compreensão das relações entre a língua em uso e o grupo social em que os sujeitos estão inseridos. Desse modo, os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas, centrados nas relações entre língua e sociedade, têm despertado o interesse de numerosos pesquisadores nos últimos anos.

Dessa forma, as pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas mostram-se fundamentais para a compreensão de diversas questões relacionadas à linguagem, conforme ressalta Gómez Molina (1998, p. 25):

Os estudos sobre Crenças e Atitudes Linguísticas atuam de forma muito ativa nas mudanças de código ou alternância de línguas; são um fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; permitem ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que usam os falantes; e influem na aquisição de segundas línguas.

Por estarem intrinsecamente relacionadas, crenças e atitudes apresentam limites tênues de distinção nos estudos sociolinguísticos, dificultando a delimitação clara de seus componentes, conforme esclarece Botassini (2015, p. 105), porque

[...] falar de uma sem se referir à outra se torna muito difícil. Isso ocorre sobretudo porque a maior parte dos trabalhos que trata desse assunto baseia-se na concepção mentalista, não separando crença de atitude, ou melhor, compreendendo crenças como um componente das atitudes.

Nas pesquisas de atitudes linguísticas, existem duas linhas teóricas que divergem entre si: mentalista e comportamentalista. A concepção adotada neste trabalho é a primeira em que encara as atitudes linguísticas como “[...] estado interno do indivíduo, uma

categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento ou a ação individual” (Moreno Fernández, 1998, p. 182). Para o embasamento desta linha, foram tomados por empréstimos os elementos essenciais para constituição das atitudes descritas por Lambert e Lambert (1972). Assim, conclui-se que, na visão dos mentalistas, crenças e atitudes são visualizadas como dispositivos mentais que manifestam diante de um certo estímulo e que são aprendidas no corpo social.

Libras: língua autônoma e crenças linguísticas

Os debates acerca da Língua Brasileira de Sinais têm se tornado cada vez mais frequentes e significativos no contexto linguístico, social e educacional brasileiro ao longo dos anos. Essa visibilidade decorre, inicialmente, das primeiras pesquisas linguísticas iniciadas no Brasil entre os anos de 1980 e 1990 (Ferreira-Brito, 1990; 2010 [1995]), o que acabou impulsionando e consolidando as investigações posteriores que se estendem até os dias atuais³. A partir dos estudos iniciais, foi possível verificar que as línguas de sinais apresentavam as mesmas características das línguas orais, distinguindo-se somente pelas suas modalidades articulatórias.

A Libras, em vista disso, anteriormente classificada como uma linguagem primitiva ou uma forma simplificada de comunicação (Ferreira-Brito, 2010 [1995]; Quadros; Karnopp, 2004), passa a adquirir *status* linguísticos com diversas pesquisas descritivas, que comprovaram possuir

[...] as mesmas qualidades e características de quaisquer outras línguas orais-auditivas, com suas estruturas fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas. Ambas as modalidades congregam, nas línguas que as constituem, unidades lexicais. Nas línguas orais-auditivas, tais unidades são chamadas de palavras, e nas línguas gesto-visuais, de sinais (Nascimento; Daroque, 2019, p. 61).

³ Os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais têm como marco o trabalho de Stokoe na década de 1960, a partir de suas investigações sobre a *American Sign Language* (ASL). Ao identificar unidades mínimas sem significado (parâmetros fonológicos) na ASL, Stokoe demonstrou que as línguas de sinais apresentam organização estrutural tão complexa quanto a das línguas orais, contribuindo para seu reconhecimento como línguas naturais. Suas pesquisas, bem como outros estudos desenvolvidos nos EUA, exerceram forte influência sobre as investigações linguísticas das línguas de sinais em diversos países, incluindo as pesquisas sobre a Libras no Brasil (Quadros; Karnopp, 2004).

Desse modo, é imperativo dizer que as línguas de sinais são sistemas altamente complexos, completos e legítimos em relação a qualquer outra língua. Elas são constituídas pelos mesmos elementos gramaticais, uma vez que suas estruturas partem de unidades mínimas que formam as mais complexas, apresentando níveis linguísticos fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático (Campos; Almeida, 2019).

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 30),

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

Desde então, as pesquisas sobre línguas sinalizadas tornaram-se mais visíveis em diversos campos de estudo, como na educação, na fonoaudiologia, na própria linguística e na tecnologia da informação, tendo enfoque de formas isoladas ou interligadas (Quadros *et al.*, 2023). Nos estudos linguísticos, as pesquisas sobre a Libras voltaram-se para os mais diversos aspectos e níveis da língua.

Diante desse cenário, corroborando com Santos e Campos (2021), a Libras ainda é uma língua relativamente “nova”, sobretudo quando se leva em conta sua oficialização como tal somente em 2002, por meio da Lei Nº 10.436⁴. Anteriormente a esse marco, “havia pouquíssima divulgação sobre ela, e por isso, frequentemente observam-se crenças e mitos em torno dela” (p. 241).

Ainda que atualmente haja uma maior visibilidade atribuída à Libras, persistem diversas crenças e atitudes linguísticas negativas direcionadas a essa língua, principalmente por envolver uma modalidade de produção articulatória distinta. Tal fator gera uma disseminação de concepções equivocadas acerca do universo da surdez como um todo, não apenas em relação à língua em si, mas também ao seu usuário legítimo da língua: a pessoa surda.

⁴ A Lei 10.436/2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um meio de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil, sendo que seu sistema linguístico é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria.

Em consonância com as problematizações apresentadas acerca das crenças e atitudes linguísticas sobre a Libras, Quadros e Karnopp (2004) apresentam e descrevem seis mitos, que se configuram como concepções equivocadas relacionadas às línguas de sinais. Esses mitos evidenciam a persistência de uma compreensão limitada e/ou do não reconhecimento das línguas sinalizadas como sistemas linguísticos.

As autoras (2004) apresentam os mitos da seguinte maneira: (i) Mito 1: as línguas de sinais seriam pantomimas e gestos, incapaz de expressar conceitos abstratos; (ii) Mito 2: as línguas sinalizadas seriam universais; (iii) Mito 3: as línguas sinalizadas são derivadas, subordinadas e inferiores às línguas orais; (iv) Mito 4: as línguas de sinais seriam um sistema de comunicação superficial, sem expressividade; (v) Mito 5: as línguas de sinais são gestos derivados da comunicação gestual espontânea dos ouvintes; (vi) Mito 6: as línguas dos sujeitos surdos estariam representadas no lado direito do cérebro.

Por sua vez, Gesser (2009) insere no debate reflexões a partir de questionamentos sobre o universo da surdez, abordando crenças relacionadas às línguas sinalizadas a seus usuários sob a perspectiva externa; isto é, do olhar ouvinte. Assim, ela apresenta perguntas recorrentes em situações de interação face a face entre surdos e ouvintes, problematizando as crenças e os preconceitos que incidem sobre o povo surdo⁵ e seu universo.

Gesser (2009) aborda as seguintes crenças e percepções sobre o *status* linguístico das línguas de sinais: (i) as línguas de sinais são universais; (ii) as línguas de sinais são artificiais; (iii) as línguas de sinais não possuem gramática; (iv) as línguas de sinais são mímicas; (v) as línguas de sinais não conseguem expressar conceitos abstratos ou ideias; (vi) as línguas de sinais são somente icônicas; (vii) as línguas de sinais são um código secreto dos surdos; (viii) as línguas de sinais são apenas o alfabeto manual, a datilologia; (ix) as línguas de sinais são adaptações/versões sinalizadas das línguas orais; (x) as línguas de sinais tem origens a partir da língua oral; (xi) as línguas de sinais não possuem variedade e diversidade; (xii) as línguas de sinais são ágrafas.

⁵ Utilizamos essa terminologia como forma de posicionamento político, em consonância com Strobel (2009), que define o povo surdo como um grupo de sujeitos que compartilha uma origem, uma cultura, uma história, tradições, uma forma visual de apreensão do mundo e a língua de sinais, independentemente de estarem geograficamente no mesmo local. Assim, optamos pelo uso do termo povo surdo em detrimento de comunidade surda.

Dos mitos e crenças linguísticas apresentados, selecionamos, como recorte da pesquisa mencionada, o mito descrito no item (iii), de Quadros e Karnopp (2004), bem como as crenças indicadas nos itens (ix) e (x), de Gesser (2009). Essas perspectivas convergem para a concepção de que a língua de sinais seria uma adaptação ou derivação de uma língua oral, entendimento amplamente difundido e, muitas vezes, socialmente aceito.

De acordo com Harrison (2021, p. 28), há a visão de que as línguas de sinais seriam “uma versão sinalizada das línguas orais, isto é, de que, por exemplo, a LIBRAS seria uma versão em sinais da língua portuguesa falada no Brasil [...]”. Essa ideia também é amplamente difundida no senso comum, como destacam Nascimento e Daroque (2019, p. 61), ao afirmarem que muitas pessoas acreditam que a Libras seja apenas a representação gestual da língua portuguesa.

Essa crença linguística ainda é amplamente difundida entre grande parte da população brasileira e, conforme destaca Gesser (2012), pode estar presente até mesmo entre pessoas que já possuem certo esclarecimento sobre a Libras e reconhecem sua legitimidade como língua.

A partir dessa concepção, conclui-se, equivocadamente, que a Libras seria totalmente dependente da língua majoritária falada no Brasil, não sendo reconhecida como um sistema linguístico independente e autônomo, mas subordinado às regras do português. Contudo, esse entendimento não se sustenta, uma vez que as línguas de sinais são autônomas em relação às línguas orais, e também em relação a outras línguas de sinais, possuindo estrutura gramatical própria. Ao desconsiderar essa autonomia, ignora-se a riqueza estrutural da Libras e a complexidade de sua gramática.

Nesse sentido, é necessário esclarecer que a Libras não possui relação direta de derivação com a língua portuguesa. Elas são línguas em constante contato, mas trata-se de línguas distintas, com características estruturais e processos de formação próprios. Portanto, a Libras não é uma versão sinalizada do português (Gesser, 2012; Góes; Campos, 2021).

É comum encontrar pessoas que acreditam que, para cada palavra da língua portuguesa, exista um sinal correspondente em Libras. No entanto, como afirmam Quadros, Machado e Silva (2025, *grifos dos autores*), não há uma relação de equivalência *um para um* entre as duas línguas. Essa percepção costuma ocorrer entre indivíduos pouco

familiarizados com a natureza visuoespacial da Libras, o que contribui para uma visão reducionista da língua sinalizada, concebendo-a de forma equivocada como totalmente dependente da língua oral.

Diante do exposto, conclui-se que as línguas de sinais são sistemas linguísticos independentes das línguas orais. No contexto brasileiro, a Libras constitui-se como uma língua autônoma, sem qualquer dependência do português. Conforme Quadros (1997), trata-se de uma língua transmitida de geração em geração, que emergiu da necessidade natural de comunicação do povo surdo, apresentando modalidade visuoespacial.

Portanto, é fundamental reafirmar que a Libras não depende das línguas orais para se constituir como língua, nem é uma adaptação ou derivação delas, mas um sistema linguístico pleno e autônomo. Ainda assim, apesar dos avanços nos estudos linguísticos e de seu reconhecimento legal, persistem crenças e atitudes linguísticas negativas que a associam à dependência com a língua portuguesa.

Caminhos da pesquisa

O percurso metodológico trilhado para a realização desta investigação parte do esclarecimento de que se trata de um recorte de uma pesquisa maior, já mencionada na introdução, que teve aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFGA), conforme atesta o parecer de número 7.074.997.

A partir disso, o estudo teve como objetivo analisar e refletir sobre as crenças e atitudes linguísticas de professores ouvintes de Língua Portuguesa em formação inicial acerca da concepção de que a Libras seria uma adaptação ou derivação do português, estando, portanto, subordinada a essa língua. Para alcançar esse objetivo, optou-se por uma abordagem metodológica mista, articulando dados qualitativos e quantitativos, a fim de proporcionar uma compreensão mais ampla e detalhada desses fenômenos.

Para a realização do estudo, desenvolveu-se uma pesquisa *in loco*, conduzida em sala de aula (Barcelos, 2001), no primeiro e no último encontro da disciplina de Libras, componente curricular obrigatório do curso de Letras Português, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), unidade Marabá. Nessas ocasiões, foram aplicados

testes de crenças e de atitudes linguísticas. Mesmo que já tenha sido mencionado que as crenças constituem um dos componentes das atitudes (Lambert; Lambert, 1972) optou-se por realizar essa distinção metodológica, a fim de possibilitar uma análise mais detalhada das respostas.

Os instrumentos foram aplicados por meio do *Google Forms*, com os *links* disponibilizados em sala de aula, para que os participantes respondessem antes do início dos debates e das discussões sobre a Libras. O teste de crenças linguísticas continha perguntas abertas relacionadas a crenças previamente selecionadas pelos pesquisadores. Já o teste de atitudes era composto por afirmações organizadas segundo a Escala de *Likert*, na qual os participantes deveriam assinalar uma das seguintes opções: concordo fortemente, concordo, discordo ou discordo fortemente.

Os sujeitos da pesquisa foram dez discentes ouvintes, correspondendo a aproximadamente 50% dos alunos matriculados na disciplina de Libras. Dentre eles, oito (8) eram do gênero feminino e dois (2) do gênero masculino. Também foi considerado se os participantes já haviam tido contato prévio com a Libras. Esse contato poderia ter ocorrido por meio de cursos básicos, convivência com familiares surdos ou interações em círculos sociais, entre outras possibilidades.

Com base nisso, foram estabelecidas duas variáveis para a identificação dos participantes: gênero e contato com a Libras. Para a identificação dos sujeitos, adotaram-se códigos específicos: F e M para feminino e masculino, respectivamente; CL e NL para indicar contato com a língua ou não contato com a Libras. Além disso, acrescentou-se uma numeração sequencial a fim de organizar a coleta de dados. Assim, por exemplo, FCL1 refere-se ao primeiro sujeito do gênero feminino que já teve contato com a Libras antes da disciplina; FNL3 indica o terceiro sujeito do gênero feminino que não teve contato prévio com a Libras; e MNL1 corresponde ao sujeito do gênero masculino que não teve contato com a Libras antes da disciplina.

Nesse sentido, antes da realização dos debates na disciplina, aplicou-se, no teste de crenças, a seguinte indagação aos participantes da pesquisa: “A Libras é uma representação em sinais da Língua Portuguesa? Por quê?”. Após os debates e discussões desenvolvidas ao longo da disciplina, no último encontro, foi proposta uma nova pergunta: “Na sua opinião, a Libras é apenas uma tradução da Língua Portuguesa para sinais?”

Comente”. No que se refere ao teste de atitudes, apresentou-se a seguinte assertiva: “A Libras é dependente da Língua Portuguesa, ou seja, ela só existe devido à Língua Portuguesa falada/escrita”.

Os critérios utilizados para analisar as crenças positivas e negativas manifestadas tiveram como parâmetros os seguintes aspectos: Crenças positivas: são aqueles sujeitos que acreditam e reconhecem que as línguas sinalizadas são independentes das línguas orais, em que não seguem ordem ou regras destas. Crenças negativas: são aqueles sujeitos que acreditam e reconhecem que as línguas sinalizadas são subordinadas às línguas orais.

Para as análises de dados do teste de crenças, utilizamos a análise de conteúdo categorial (Bardin, 1977), a partir da qual foram organizadas duas categorias analíticas: crenças linguísticas positivas e crenças linguísticas negativas. É importante ressaltar que na etapa de análise também houve escolhas de registro (destacadas em negrito nas respostas dos textos) e de contexto. Já para a análise do teste de atitudes, aplicamos a interpretação estatística dos dados (Gil, 2002), a fim de quantificar e examinar as respostas obtidas.

Análises e discussões

A seguir, apresenta-se a categorização e análise das crenças linguísticas manifestadas antes das discussões em sala de aula, realizadas no primeiro encontro da disciplina de Libras. Além disso, ainda nesta seção, são apresentados os dados obtidos no teste de atitudes referente a esta crença apenas no primeiro encontro, visto que, no último, a investigação concentrou-se em outras crenças.

Posto isso, as análises de crenças linguísticas teve por objetivo identificar as concepções, crenças e pensamentos prévios dos sujeitos acerca da ideia de adaptação, derivação e subordinação da Libras em relação à Língua Portuguesa.

Quadro 1. Teste de Crenças Antes da Disciplina

CATEGORIZAÇÃO		
A Libras é uma representação em sinais da Língua Portuguesa? Por quê?		
Sujeitos	Crenças Linguísticas Positivas	Crenças Linguísticas Negativas
FCL1	Libras é abreviação de Língua Brasileira de Sinais .	
FCL2		Sim, língua brasileira!
FCL3	Não , na minha opinião, libras é uma língua que não se interliga a língua portuguesa , mas sim, que ela tem suas próprias características , e formas.	
FCL4	Penso que não , uma vez que os sinais utilizados aparentemente sejam para a comunicação entre um determinado grupo, com isso, imagino que as pessoas surdas devam adaptar alguns sinais para melhor entendimento e comunicação , criando uma língua própria , apenas com alguns elementos em comum com a Língua Portuguesa , como o alfabeto.	
FNL1		Acredito que sim , pois todos os sinais utilizados na língua , representam de alguma forma o que já existe na língua portuguesa .
FNL2	Não , pois é uma linguagem verbal que evidencia a própria língua .	
FNL3	Não , porque a Libras tem um conceito próprio , que é diferente da Língua Portuguesa .	
FNL4		Eu creio que sim! Pois ela faz parte do curso.
MCL1	Não , existe suas próprias regras de linguagem .	
MNL1		Sim , porque tem o objetivo da comunicação .

Fonte: Elaborado pelos autores.

É possível perceber que os resultados obtidos apontam para uma maior percepção de que a Libras é uma língua própria, corroborando com Quadros (2019), Quadros e Karnopp (2004) e Quadros, Machado e Silva (2025). O dado obtido pelo sujeito FCL3 indica

que se trata de uma língua independente da língua portuguesa, com características e formas próprias. O sujeito FCL1 menciona que a Libras é a abreviação da Língua Brasileira de Sinais, enquanto o sujeito FCL4 apresenta uma explicação bem fundamentada. Possivelmente, pelo contato linguístico prévio com a Libras antes da disciplina, esse sujeito demonstra um comportamento linguístico mais consciente, afirmando que os sinais são criados dentro de um grupo para melhor entendimento e comunicação. Assim, os códigos linguísticos surgem de necessidades sociais, configurando uma língua própria. Em alguns momentos, pode haver traços em comum entre a língua sinalizada e a língua oral do Brasil, já que ambas coexistem no ambiente sociocultural. Essa resposta classifica a Libras como uma língua com regras e características próprias, sem estar subordinada ao português.

A mesma percepção é compartilhada pelo sujeito FNL3, que, apesar de não ter tido contato prévio com a Libras, já reconhece sua independência em relação à língua portuguesa, trazendo uma crença linguística positiva. Respostas semelhantes foram observadas nos sujeitos FNL2 e MCL1, que evidenciam a Libras como uma língua própria, com regras estruturais específicas.

Por outro lado, ao analisar as crenças linguísticas negativas, a resposta do sujeito FCL2 demonstra um equívoco ao afirmar que a Libras seria apenas uma adaptação da língua portuguesa para sinais, sem características ou regras gramaticais próprias. “Geralmente, quando os sinais são utilizados na tentativa de acompanhar o fluxo de uma língua oral, ficam descaracterizados e não correspondem necessariamente ao sentido literal dos enunciados emitidos pela língua oral” (Turetta; Lacerda, 2019, p. 25). É relevante destacar que esse sujeito já teve contato prévio com a Libras, o que indica a persistência de crenças equivocadas mesmo entre aqueles que tiveram alguma exposição à língua.

Além disso, obtivemos mais três respostas que refletem crenças linguísticas negativas de sujeitos que não tiveram contato com a Libras antes da disciplina. O sujeito FNL1 demonstra a crença, frequentemente disseminada, de que os sinais utilizados na Libras representam itens lexicais da língua portuguesa, uma visão equivocada discutida por Gesser (2009) e Quadros e Karnopp (2004). Da mesma forma, o sujeito FNL4 acredita que a Libras é derivada do português e que sua inclusão no curso de Letras Português se justifica apenas por essa suposta subordinação à língua oral. Ademais, o sujeito MNL1 reforça essa concepção ao afirmar que a Libras é uma língua adaptada, refletindo o pensamento de que

seu único objetivo é substituir a comunicação oral para pessoas surdas. Esse ponto de vista reduz a Libras a uma ferramenta comunicativa, sem considerar sua complexidade estrutural e independência como língua.

A análise das respostas evidencia que, entre os sujeitos que tiveram contato prévio com a Libras, há uma maior compreensão de que se trata de uma língua independente, com regras e características próprias. No entanto, ainda persistem crenças equivocadas, especialmente entre aqueles sem contato com a língua, que tendem a enxergá-la como uma mera adaptação do português ou um sistema de gestos sem estrutura linguística.

Adiante, tem-se o Quadro 2, em que apresenta a categorização e análise das crenças após as discussões em sala de aula, realizadas no último encontro da disciplina.

Quadro 2. Teste de Crenças Depois da Disciplina

CATEGORIZAÇÃO		
Na sua opinião, a Libras é apenas uma tradução da Língua Portuguesa para sinais? Comente.		
Sujeitos	Crenças Linguísticas Positivas	Crenças Linguísticas Negativas
FCL1	Não, é uma língua com seu próprio código e com variações.	
FCL2		Correto, uma inclusão dos ouvintes no mundo dos surdos.
FCL3	Não, é a tradução linguística e corporal que traduz também emoções e sentimentos.	
FCL4	Não. A Libras não tem nada a ver com tradução. É um idioma, com seus próprios significados.	
FNL1	Não. Acredito que Libras seja uma língua independente.	
FNL2	Não. A libras é uma língua de sinais brasileira, a língua portuguesa deve ser considerada como segunda língua.	
FNL3	Não. A Libras é uma língua para se aprender também no cotidiano.	
FNL4	Não!	
MCL1	Não. Libras é a língua dos surdos brasileiros.	
MNL1	Não, libras é uma língua totalmente independente e autônoma.	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentre os dados obtidos, nove (9) dos dez (10) sujeitos apresentaram crenças linguísticas positivas. Desse modo, apresentam-se as seguintes crenças positivas: o sujeito FCL1 reforça que a Libras é uma língua com código próprio e variações linguísticas. Já o participante FCL3 menciona que a Libras não é uma simples tradução da língua portuguesa, mas uma manifestação linguística que se expressa corporalmente, transmitindo sentimentos e emoções dos sujeitos que a utilizam.

Por seu turno, FCL4, FNL1 e MNL1 afirmam que a Libras possui significados próprios e é uma língua totalmente independente e autônoma. Complementando essas afirmações, o sujeito MCL1 reflete sobre a importância da língua dos surdos brasileiros. Já FNL2 também destaca que a Libras é uma língua brasileira e que a língua portuguesa é considerada uma segunda língua para os surdos. Esse ponto se alinha à perspectiva bilíngue mencionada por Quadros (1997), que considera a Libras a primeira língua dos surdos e a língua portuguesa como segunda. Para finalizar as crenças positivas, o sujeito FNL4 acrescenta que a Libras não é uma adaptação ou tradução sinalizada da língua portuguesa, enquanto o sujeito FNL3 enfatiza a importância de aprender a Libras no cotidiano.

Em contrapartida, há uma crença linguística negativa apresentada pelo sujeito FCL2. Esse sujeito acredita que a Libras é uma tradução da língua portuguesa em forma de sinais e que essa tradução facilita a inclusão dos ouvintes no mundo dos surdos. No entanto, essa visão é equivocada, pois a Libras não é subordinada à língua portuguesa, mas sim uma língua independente.

A análise demonstrou que a maioria dos professores em formação inicial reconhece a Libras como uma língua autônoma, com estrutura e regras próprias, sem subordinação à língua portuguesa. Contudo, a crença equivocada de que a Libras é apenas uma tradução ainda persiste, como foi observado com um dos sujeitos, o que reforça a necessidade de um aprofundamento teórico e prático no ensino sobre a estrutura e o *status* linguístico da Libras.

Desse modo, é possível realizar uma comparação das crenças linguísticas manifestadas pelos sujeitos participantes da pesquisa. A partir desse cruzamento, busca-se identificar as mudanças de atitudes dos discentes ouvintes em relação à Libras, podendo

compreender, talvez, como as discussões teóricas e práticas contribuem para a construção de atitudes linguísticas positivas.

Assim, essas perguntas buscaram compreender as crenças e pensamentos dos participantes sobre a relação entre a Libras e a língua portuguesa, considerando a perspectiva cognoscitiva da linha mentalista das atitudes sociolinguísticas. No teste inicial, foram coletados quatro dados que indicavam crenças linguísticas negativas, enquanto seis participantes apresentaram crenças positivas. Já no teste final, observou-se um aumento para nove crenças linguísticas positivas e apenas uma negativa.

Entre os sujeitos que mudaram suas crenças de negativas para positivas, três não tinham contato prévio com a Libras antes da disciplina (FNL1, FNL4 e MNL1). Todavia, o sujeito FCL2 manteve sua crença negativa, acreditando que a Libras é apenas uma representação sinalizada da língua portuguesa. Mesmo após as discussões e o contato com a língua na disciplina, esse participante continuou a enxergar a Libras como uma língua subordinada ao português, evidenciando a permanência dessa concepção equivocada.

Após a análise dos testes de crenças, são apresentados e discutidos os dados obtidos no teste de atitudes linguísticas. Nesse instrumento, os participantes avaliaram seu posicionamento em relação à afirmativa: “A Libras é dependente da Língua Portuguesa, ou seja, ela só existe devido à Língua Portuguesa falada/escrita”, assinalando uma das seguintes opções: concordo fortemente, concordo, discordo ou discordo fortemente.

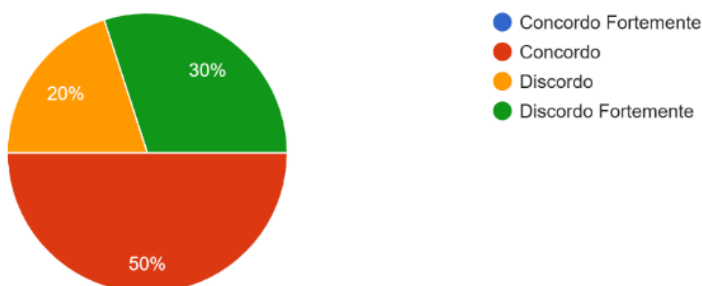
Assim, são apresentados os dados referentes às atitudes linguísticas relacionadas a essa crença, considerando a autoavaliação dos participantes acerca da autonomia e da independência da Libras antes das discussões realizadas no primeiro encontro da disciplina. Parte-se do pressuposto de que a não compreensão da Libras como uma língua autônoma e legítima pode refletir atitudes linguísticas negativas. Os resultados são apresentados e analisados com base na análise estatística dos dados.

Os dados fornecidos através da pesquisa revelam que 50% dos sujeitos concordam que a Libras é uma língua dependente da língua oral, enquanto os outros 50% se subdividem, em que 20% discordam da afirmação e 30% discordam fortemente. Logo abaixo, o gráfico apresenta o percentual.

Gráfico 1. Teste de Atitudes Antes da Disciplina – Quinta Assertiva

5. A Libras é dependente da Língua Portuguesa, ou seja, ela só existe devido a Língua Portuguesa falada/escrita.

10 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante dos dados, observa-se que a variável contato linguístico exerce influência significativa nas respostas dos participantes. Entre os sujeitos que já tiveram contato com a Libras, verifica-se um percentual de 60% de discordância da afirmativa, o que indica uma tendência à compreensão da Libras como língua autônoma, e 40% de concordância, evidenciando que o contato, embora relevante, não garante, por si só, a desconstrução de crenças equivocadas. Por outro lado, entre aqueles que não tiveram contato linguístico, os dados se invertem: 60% concordam com a afirmativa de que a Libras é uma adaptação ou derivação do português, enquanto 40% discordam. Esse resultado sugere que a ausência de contato pode favorecer a manutenção de concepções baseadas em senso comum ou em visões historicamente disseminadas sobre as línguas de sinais como sistemas ainda dependentes das línguas orais.

No que se refere à variável gênero, os sujeitos do gênero feminino apresentam uma distribuição equilibrada de posicionamentos, com 50% assinalando concordância com a afirmativa, o que revela a presença de uma atitude linguística negativa em relação à autonomia da Libras. Entre as participantes que tiveram contato linguístico com a língua, esse mesmo percentual (50%) mantém-se, indicando que o contato, nesse grupo específico, não foi suficiente para promover uma mudança consolidada de perspectiva. Contudo, é relevante destacar que as participantes FCL3 e FCL4 discordam fortemente da

afirmativa, reafirmando os posicionamentos já evidenciados no teste de crenças, o que demonstra coerência interna entre crença declarada e atitude manifestada.

De modo semelhante, entre as participantes do gênero feminino que não tiveram contato com a Libras, observa-se novamente um equilíbrio: 50% concordam e 50% discordam da afirmativa. Essa divisão pode indicar que, mesmo sem contato direto com a língua, algumas participantes já apresentam indícios de reconhecimento de sua legitimidade linguística, possivelmente influenciadas por discursos acadêmicos, sociais ou midiáticos que valorizam a Libras enquanto língua legítima.

Entre os sujeitos do gênero masculino, por sua vez, as respostas mostram-se mais contrastivas. O participante que já teve contato linguístico com a Libras manifesta uma atitude claramente positiva ao discordar fortemente da afirmativa, evidenciando compreensão da independência estrutural da língua. Em contrapartida, o participante que não teve contato demonstra aderir à concepção de que a Libras é oriunda do português, reforçando a hipótese de que a ausência de experiências linguísticas concretas contribui para a manutenção de crenças que assemelham essas línguas.

Dessa forma, os dados revelam uma divisão nas atitudes linguísticas quanto à autonomia e independência da Libras. Na variável de gênero feminino, observa-se um equilíbrio entre concordância e discordância, independentemente do contato linguístico, o que aponta para a coexistência de crenças concorrentes no interior do mesmo grupo social. Já na variável de gênero masculino, embora numericamente reduzido, percebe-se que o contato linguístico associa-se a uma postura de reconhecimento da Libras como língua autônoma, enquanto a ausência de contato reforça a visão de dependência em relação ao português. Esses resultados evidenciam que o contato com a Libras constitui fator relevante na ressignificação de crenças, mas não atua isoladamente, sendo necessário considerar a formação acadêmica e as experiências prévias na construção das atitudes linguísticas na formação docente.

Considerações Finais

A compreensão das crenças e atitudes linguísticas na formação de professores de Língua Portuguesa acerca da Libras revela-se fundamental, sobretudo porque esses

sujeitos, ainda em formação inicial, atuarão na educação básica e, potencialmente, estabelecerão contato com estudantes surdos. As concepções que constroem durante a graduação tendem a orientar suas práticas pedagógicas, suas escolhas metodológicas e, principalmente, suas posturas frente à diferença linguística. Nesse sentido, desenvolver uma visão ampla, crítica e teoricamente fundamentada sobre a língua do povo surdo constitui como algo essencial para o respeito à Libras e para seu reconhecimento como língua legítima.

A partir das análises realizadas, verificou-se que os resultados foram satisfatórios no que se refere à crença investigada: a concepção de que a Libras seria uma adaptação ou derivação da língua portuguesa. De modo geral, observou-se que a maioria dos participantes, independentemente das variáveis gênero e contato linguístico, apresentou crenças e atitudes positivas em relação à Libras, mantendo esse posicionamento tanto no início quanto ao término da disciplina. Esse dado é relevante, pois indica que já havia, entre parte dos professores em formação, uma predisposição favorável ao reconhecimento da autonomia linguística da Libras.

Entretanto, também se constatou que alguns sujeitos manifestaram atitudes linguísticas negativas antes dos debates desenvolvidos ao longo da disciplina, revelando a persistência de concepções historicamente construídas que subordinam as línguas de sinais às línguas orais majoritárias. Ao final do percurso formativo da disciplina, verificou-se a mudança dessas posições para perspectivas positivas, com exceção de um participante que manteve sua postura inicial. Essa permanência evidencia que as crenças linguísticas não são facilmente modificadas, pois estão ancoradas em experiências anteriores, representações sociais e discursos amplamente disseminados no corpo social. Ainda assim, o movimento de mudança observado na maioria dos casos reforça o papel formativo da disciplina como espaço de problematização e ressignificação de concepções.

Desse modo, pode-se afirmar que a disciplina contribuiu significativamente para o fortalecimento do *status* linguístico da Libras como língua autônoma, com gramática e estrutura próprias, e que não há dependência da língua portuguesa, corroborando com Campos e Almeida (2019) e Quadros e Karnopp (2004). Ao promover discussões teóricas, reflexões críticas e análises fundamentadas, o componente curricular favoreceu a desconstrução da noção de correspondência direta entre palavra e sinal, isto é, a ideia

equivocada de “*um para um*” (Quadros; Machado; Silva, 2025) entre o português e a Libras. A compreensão de que cada língua possui seu próprio sistema linguístico, com organização e funcionamento específicos, constitui avanço importante na formação de professores de Português.

Além disso, os resultados evidenciam que o contato sistematizado com conhecimentos linguísticos sobre a Libras, mediado por discussões acadêmicas, pode impactar de forma positiva as atitudes dos docentes em formação inicial. Essa constatação reforça a necessidade de que a formação na disciplina de Libras, já assegurada nos cursos de licenciatura, seja fortalecida por meio da ampliação dos debates acerca de sua constituição linguística e das crenças que historicamente a atravessam, para além do ensino estritamente instrumental da língua. Ao compreender a Libras como língua, os futuros professores reconhecerão o estudante surdo como sujeito bilíngue e pertencente a uma comunidade linguística específica.

Referências

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre a aprendizagem de línguas: estado da arte. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.). **Crenças e ensino de línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Luís Antero. São Paulo: Edições 70, 1977.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOTASSINI, J. O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 102–131, 2015. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20327>>. Acesso em: 05 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

CAMPOS, M. L. I. L.; ALMEIDA, J. C. S. Sistema linguístico da libras. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. (Org.). **Libras: aspectos fundamentais**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

FERREIRA-BRITO, L. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1990. p. 20-43. Disponível em: <<https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/35>>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática da língua brasileira de sinais**. Reimp. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010 [1995].

GESSER, A. **Libras?: Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a libras**. São Paulo: Parábola, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓES, A. M.; CAMPOS, M. L. I. L. Aspectos da gramática da libras. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia**. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.

HARRISON, K. M. P. Libras: apresentando a língua e suas características. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Tradução: Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

MORENO FERNANDÉZ, F. **Principios del sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

NASCIMENTO, V.; DAROQUE, S. C. Língua oral-auditiva e língua gesto-visual. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. (Org.). **Libras: aspectos fundamentais**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOOP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; ROYER, M. *et al.* (org.). **A gramática da Libras**. v. 01. Rio de Janeiro: INES, 2023.

QUADROS, R. M.; MACHADO, R. N.; SILVA, J. B. **Introdução ao estudo da libras**. São Paulo: Contexto, 2025.

SANTOS, L. F.; CAMPOS, M. L. I. L. O ensino de libras para futuros professores da educação básica. *In*: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

SILVA, K. A. **Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em Letras (Inglês)**. 2005. 217 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2005.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2 ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

TURETTA, B. A. R.; LACERDA, C. B. F. Língua de sinais como língua das comunidades surdas. *In*: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. (Org.). **Libras: aspectos fundamentais**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

Sobre os autores

Renan Torres da Costa 1

Orcid: 0000-0002-2803-0741

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e graduado em Letras Português e em Letras Libras. É professor efetivo de Língua Portuguesa na Prefeitura de Marabá.

Eliane Pereira Machado Soares 2

Orcid: 0000-0002-2371-3236

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professora titular da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). É líder do grupo de pesquisa Observatório de Linguagem do Sul e Sudeste do Pará (OLISSPA).